

Reflexões sobre a relação entre Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia

Ivanaldo Santos*

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar duas reflexões sobre a relação entre Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia. Essas reflexões são fundamentadas principalmente nas *Investigações filosóficas*. Para se alcançar esse objetivo, inicialmente, é apresentada a crítica que Wittgenstein realiza, nas *Investigações filosóficas*, a tradição filosófico-linguística do Ocidente. Após essa apresentação, são feitas as considerações sobre a relação entre Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia.

Palavras-chave: Filosofia Contemporânea; Wittgenstein

Abstract: The aim of this paper is to present two reflections on the relationship between Wittgenstein and contemporary philosophical concerns. These reflections are based mainly in *Philosophical Investigations*. To achieve this goal, initially, is presented criticism carried out by Wittgenstein, in *Philosophical Investigations*, on philosophical and linguistic tradition on the West. After this presentation, considerations are made about the relationship between Wittgenstein and contemporary philosophical concerns.

Keywords: Philosophy Contemporary; Wittgenstein

Introdução

O objetivo desse artigo é apresentar duas reflexões sobre a relação entre Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia. Essas reflexões são fundamentadas, principalmente, nas *Investigações filosóficas*.

Para se alcançar esse objetivo, inicialmente é apresentada a crítica que Wittgenstein realiza, nas *Investigações filosóficas*, à tradição filosófico-linguística do Ocidente. Após essa apresentação, são feitas as considerações sobre a relação entre Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia. Por fim, afirma-se que é preciso ter consciência que apenas a tradição filosófica não dará conta da dinâmica da realidade. É neste sentido que a proposta de Wittgenstein, exposta principalmente nas *Investigações filosóficas*, de investigar e compreender a linguagem no cotidiano, por meio

* Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br. Artigo recebido em 09.10.2011, aprovado em 20.12.2011.

dos jogos linguísticos, ganha uma importância vital. O cotidiano é um universo ainda pouco explorado pelas pesquisas filosóficas e talvez, dentro dele, seja possível se construir e aprofundar o debate em torno dos problemas da tradição filosófico-linguística do Ocidente.

É preciso esclarecer que devido ao fato das *Investigações filosóficas* ser um livro escrito por meio de aforismos, parágrafos curtos, breves, decidiu-se utilizar para a citação desse livro a sigla IF (*Investigações filosóficas*) seguido do número do respectivo parágrafo, número que foi atribuído pelo próprio Wittgenstein.

Wittgenstein e a crítica à tradição filosófico-linguística ocidental

Wittgenstein inicia as *Investigações filosóficas*, especialmente nos aforismos¹ números 1 e 4, criticando a concepção de linguagem de Santo Agostinho, segundo a qual as palavras representam os objetos. Numa leitura superficial do texto wittgenstatiano, pode-se inferir que ele critica a concepção cristã de linguagem.

Entretanto, como observa Shibles (1974), Wittgenstein não está realizando uma simples crítica a Santo Agostinho e, por conseguinte, à concepção cristã de linguagem, mas à tradição linguística do Ocidente. Na verdade, ele não está criticando o intelectual Aurelius Augustinus, que, segundo Madureira (1973), nasceu no século IV d. C. em Tagasta, pequena província da Numídia, pertencente ao império romano, carinhosamente chamado pelos familiares e amigos de *Agostinho* e que se converteu ao cristianismo, tornando-se, posteriormente, um dos grandes sistematizadores do pensamento cristão. Ao invés disso, ele está criticando a tradição linguística ocidental que, de certa forma, encontra em Santo Agostinho um dos seus fundamentos.

Santo Agostinho, nas *Confissões* (I-8), justamente o trecho citado por Wittgenstein, defende a ideia de que as palavras representam os objetos. Antes de Agostinho, esta posição foi defendida no diálogo *Crátilo* de Platão.

¹ Wittgenstein inicia as *Investigações filosóficas* (1991, p. 7) afirmando que é um livro que trata de muitos objetos: do conceito de significado, da compreensão, da proposição, da lógica, aos fundamentos da matemática, até aos estados de consciência. Estes objetos são discutidos em “breves parágrafos”. Segundo Hacker (2000), estes “breves parágrafos” são aforismos onde Wittgenstein expressa suas ideias. É por causa disso que as *Investigações filosóficas* é um livro que é referenciado a partir dos números dos parágrafos.

Escrito no século V a. C. Esse diálogo é um dos textos que inauguraram, no Ocidente, a discussão sobre a linguagem. Platão (*Crátilo*, 434b) defende que os “nomes nunca poderiam ser iguais a coisa nenhuma, se antes os elementos de que são compostos não tivessem alguma semelhança com a coisa que eles imitam”. Em grande medida, o fundamento não apenas de Santo Agostinho, mas de toda a tradição linguística ocidental é o pensamento de Platão. E apesar de não se encontrar nas *Investigações filosóficas* grandes comentários a Platão, as grandes exceções, por exemplo, são os aforismos 46 e 48, nos quais Wittgenstein critica esse pensador.

É preciso esclarecer que, em grande medida, Wittgenstein não utiliza a noção de *tradição* da forma como corriqueiramente é utilizada na história da filosofia, ou seja, como uma linha de tempo, que vem desde a Grécia antiga ou um pouco antes, passando por períodos históricos até chegar ao pensamento contemporâneo. Ele pensa a *tradição* essencialmente como um conjunto de princípios que orientaram a filosofia desde a antiguidade até o início do século XX.

Acima de tudo Wittgenstein discute com ideias e não exatamente com as escolas ou com os períodos históricos da filosofia. De certa forma, isso explica certas lacunas e falhas em sua argumentação. Por exemplo, Wittgenstein, nas *Investigações filosóficas*, fala em tradição nos estudos da linguagem, no entanto ele cita Santo Agostinho e Platão. No tocante a Platão ele cita diretamente o *Teeteto* (*IF*, § 46; 48) e não cita o *Crátilo*, o diálogo platônico que trata diretamente da linguagem. Além disso, não cita os *Analíticos* de Aristóteles. Justamente um dos textos do *corpus aristotélico* que melhor expõe o pensamento clássico sobre a linguagem. Tudo isso pode levar o leitor a imaginar que Wittgenstein está discutindo com a teoria neoplatônica oriunda de Santo Agostinho. Entretanto, ele discute com uma tradição filosófica que deseja conhecer a “essência da linguagem humana” (*IF*, § 1; 97; 98). Segundo Wittgenstein, esse desejo de conhecer a essência da linguagem é uma “inquietação profunda” (*IF*, § 111) do homem que, por sua vez, está enraizada na cultura ocidental.

Wittgenstein (*IF*, § 2) defende a tese que a linguagem é uma ferramenta. No aforismo 11 das *Investigações filosóficas* ele compara a linguagem com uma *caixa de ferramentas*, na qual estão contidas várias ferramentas (martelo, serra, chave de fenda, etc.). Essas ferramentas serão utilizadas à medida que o ferreiro (ou outro profissional) tiver necessidade.

Da mesma forma é a linguagem, ela é uma *caixa*, onde estão contidas várias palavras, com funções e objetivos diferentes, as quais serão utilizadas para resolver problema dos indivíduos.

É interessante notar que Platão, no *Crátilo* (387c), também dá o sentido de ferramenta à linguagem. Ele chega a afirmar que o “nome [a palavra], por conseguinte, é instrumento para informar a respeito das coisas e para separá-las” (*Crátilo*, 338c) e utiliza a metáfora do *malho* (*Crátilo*, 421c) para demonstrar o caráter prático da linguagem. Segundo esse filósofo, assim como o ferreiro “maneja o malho”, ou seja, com prática e consciência, também se deve manejar a linguagem.

De acordo com os conceitos apresentados não há grandes diferenças entre os dois pensadores, ou seja, Wittgenstein e Platão. Dessa forma, qual é a real divergência entre ambos? Qual é a verdadeira crítica de Wittgenstein à teoria linguística de Platão e, por conseguinte, à teoria linguística ocidental?

Para tentar responder essas questões, é preciso perceber que a teoria linguística de Platão e, por conseguinte, ocidental, é centrada em duas questões.

A primeira é a busca da verdade. Como ele mesmo afirma, é preciso “procurar um critério de verdade” (*Crátilo*, 432d) e sempre “partir da verdade” (*Crátilo*, 439b). O problema é que a verdade, na concepção platônica, está acessível apenas ao filósofo, ao dialético, ou seja, ao profissional do conhecimento que “sabe interrogar e responder” (*Crátilo*, 390c). No diálogo *Sofista* (260a), Platão afirma que não se deve ficar sem a filosofia. No pensamento de Platão a filosofia surge como o único método capaz de descobrir e alcançar a verdade. Dessa forma, a verdade torna-se um privilégio, teórico e abstrato, acessível apenas ao filósofo.

A segunda é a construção de um saber metafísico, abstrato, desconectado com a realidade cotidiana. Segundo Platão (*Crátilo*, 421a), para se debater sobre a linguagem é preciso antes debater problemas metafísicos, como, por exemplo, a verdade, a aparência e o Ser. O debate sobre a linguagem é uma consequência do debate sobre esses problemas. Ao longo de grande parte da tradição ocidental, a linguagem não foi o centro das discussões, mas uma derivação das discussões realizadas em torno de problemas metafísicos.

Wittgenstein rejeita a teoria platônica da busca da verdade e do conhecimento metafísico. Ele realiza uma dura crítica à tradição filosófico-

linguística do Ocidente. Para ele (*IF*, § 111), a tradição criou problemas, como, por exemplo, a verdade, a aparência e o Ser, que não existem. Estes problemas são apenas más interpretações da linguagem. Ele chega a ironizar com o “caráter de profundidade” que historicamente a tradição filosófico-linguística se apresenta no Ocidente. Para ele, a tradição é uma falsa profundidade, sendo a mesma fingida, meramente teórica, sem lastro no cotidiano.

Segundo Wittgenstein, tradicionalmente, a filosofia se apresenta como um saber sofisticado que tem por missão trazer para a dimensão do conhecimento “algo oculto que se devesse trazer à luz. Se isso acontecesse, a expressão torna-se completamente clarificada” (*IF*, § 91). Para ele, no tocante específico sobre a *linguagem*, à tradição, afirma tratar-se de um problema que se “encontra abaixo da superfície [na profundidade epistêmica]. Algo que se encontra no interior, que vemos quando desvendamos a coisa e que uma análise deve evidenciar” (*IF*, § 92). Por causa disso, a tradição (*IF*, § 46) passou séculos em busca de descobrir dentro da realidade a existência de conceitos metafísicos, como, por exemplo, elementos primitivos, os objetos ou as individualidades últimas do mundo real.

O problema é que, segundo Wittgenstein, “não há nenhum sentido em falar do ser (não-ser)” (*IF*, § 50) e de outros conceitos metafísicos. Por causa disso os “resultados da filosofia consistem na descoberta de um simples absurdo qualquer e nas contusões que o entendimento recebeu ao correr de encontro às fronteiras da linguagem” (*IF*, § 119). Para ele a tradição filosófica, herdada principalmente de Platão, é um absurdo. Essa tradição é apenas um “fantasma fora do tempo e do espaço” (*IF*, § 108), um “castelo na areia” (*IF*, § 118) que “não elucida nada e não conclui nada” (*IF*, § 126). Ela consiste apenas em uns “óculos assentados sobre o nariz” (*IF*, § 103) que ajudam a filosofia a interpretar a realidade. No entanto, a filosofia historicamente apenas interpreta a realidade, sem dizer nada de concreto. Por causa disso, ela é apenas uma mera “busca de quimeras” (*IF*, § 94), uma tentativa, um tanto quanto inútil, de purificar o signo.

Diante dessa constatação, Wittgenstein realiza duas propostas.

A primeira é que os “problemas filosóficos devem desaparecer completamente” (*IF*, § 133). Os problemas, ou melhor, os falsos problemas criados pela tradição filosófico-linguística ocidental devem ser abandonados.

Para ele, é preciso abandonar os problemas metafísicos e voltar a investigação para o cotidiano. Em suas palavras: “nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano” (*IF*, § 116).

A segunda é com relação à construção do conhecimento linguístico. Ao contrário de Platão e da tradição ocidental, que defendem a construção de um saber metafísico, abstrato, desconectado com a realidade cotidiana, Wittgenstein afirma que “quando falo da linguagem [...] devo falar a linguagem do cotidiano” (*IF*, § 120). Ele propõe uma profunda transformação no conhecimento linguístico produzido no Ocidente. Ao invés do saber abstrato, é preciso buscar o cotidiano com suas incoerências e contradições. Segundo o filósofo, este procedimento é necessário porque no “cotidiano não existe a linguagem ideal” (*IF*, § 105) ou a “superstição da linguagem” (*IF*, § 110) criada pela tradição, de forma que é preciso buscar o uso prático da linguagem, independentemente se este uso atende às rígidas exigências de verdade e de coerência oriundas da tradição filosófico-linguística ocidental. Ele está preocupado com a “maneira pela qual a linguagem funciona” (*IF*, § 2) e, por conseguinte, a “situação em que é pronunciada ou escrita” (*IF*, § 49) uma palavra ou uma frase.

Um bom exemplo da proposta do uso cotidiano da linguagem desenvolvida por Wittgenstein é o conhecido, pelo menos dentro dos círculos de estudiosos da filosofia da linguagem contemporânea, exemplo da lajota. Ele (*IF*, § 2, 19) dá o seguinte exemplo: há dois operários da construção civil, A e B. O operário A é o pedreiro e o B é o ajudante. O operário A grita “lajota” (na cultura brasileira a lajota ou pedra de construção é mais conhecida como tijolo) e o operário B responde “lajota”. Para alguém que não é familiarizado com a cultura da construção civil, dificilmente compreenderá este jogo de linguagem. Entretanto, os operários da construção civil estão travando um diálogo e resolvendo um problema prático da linguagem presente no cotidiano. Na verdade o operário A quando grita “lajota” está dizendo “traga-me lajota, pois estou precisando de lajota, o meu problema é falta de lajota” e o operário B quando responde “lajota” está dizendo “segure a lajota que estou lhe dando, isso vai resolver seu problema”.

Nas *Investigações filosóficas*, Wittgenstein não está preocupado em discutir o sentido original e ideal das palavras, nem muito menos se a

linguagem obedece rigidamente a algum sistema filosófico. A princípio, toda forma de idealismo e de rígido controle linguístico por parte da filosofia é rejeitado. No lugar desse controle, ele (*IF*, § 38) propõe a compreensão e a aceitação da dinâmica histórica e cultural da linguagem. Dinâmica que faz que novos sentidos sejam concedidos às palavras e que novas formas linguísticas sejam criadas.

Alicerçado na crítica que Wittgenstein faz à tradição filosófico-linguística ocidental, o próximo nível desse artigo discute a relação entre Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia.

Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia

Muito se pode falar sobre a relação existente entre Wittgenstein e as preocupações contemporâneas da filosofia. Ele é um dos grandes filósofos que, ao mesmo tempo, influenciaram e ajudaram a construir a filosofia no século XX e início do XXI. Poderia se construir uma longa discussão envolvendo Wittgenstein e as preocupações atuais da filosofia. Isso seria deveras cansativo e talvez até mesmo impossível.

Por causa disso optou-se em se limitar a discussão e se construir, sempre de posse dos argumentos wittgenstarianos, apenas duas reflexões.

A *primeira reflexão* é que ao criticar a tradição filosófico-linguística ocidental e, por conseguinte, defender o abandono da mesma, Wittgenstein deve ser enquadrado no que atualmente é classificado de *pensamento pós-filosófico* ou *conhecimento pós-ocidental*.

De acordo com D'Agostini (1997, p. 3-4) o século XX produziu uma grande desconfiança em torno da filosofia. Segundo o autor, de um lado, criou-se uma forte suspeita que a filosofia, como tal, não exista. Dessa forma, ela seria apenas um resíduo inútil da cultura ocidental, incapaz de dialogar com as outras formas de saber e de responder aos problemas atuais, ou então uma visão subjetiva do mundo, uma autobiografia do seu autor, ou seja, do filósofo, formulada em formas linguísticas semelhantes a da poesia. Do outro lado, no século XX a filosofia, enquanto metafísica e/ou ontologia, deixou de existir e passou a ser apenas uma filosofia aplicada à política (filosofia da política), à estética (filosofia da estética), à ciência (filosofia da ciência), à religião (filosofia da religião) e a outros ramos do saber humano.

Para Paiva (2004), o século XX produziu uma espécie de *cultura do fim*, marcada por tentativas de estabelecer o fim da filosofia, o fim da metafísica, o fim da história, o fim do ocidente e outras possibilidades de finitude. Nesse sentido é possível afirmar, fundamentado por Santos (2008), que o século XX produziu uma cultura apocalíptica, com o intuito de destruir a tradição filosófica e os valores tradicionais do ocidente. Essa cultura chegou ao seu radicalismo com Vattimo (2002, 1999), quando ele afirma, entre outras coisas, que o fim da metafísica está associado ao fim do colonialismo e do eurocentrismo.

De um lado, é preciso ver que desde o século XIX se fala em fim da filosofia e da metafísica. Filósofos, como, por exemplo, Marx e Nietzsche propuseram o fim da filosofia. Para Marx a tradição filosófica não passa de pensamento de classe social e especialmente pensamento da classe social economicamente e politicamente dominante. Nessa concepção, a verdadeira filosofia só irá nascer com o advento do Comunismo, um reino messiânico, uma derivação do paraíso bíblico, que será construído por uma ditadura social estabelecida pelo proletariado. Já Nietzsche vê a filosofia como uma decadência produzida pela razão. Por isso, se o Ocidente deseja sair da decadência, e, por conseguinte, experimentar o verdadeiro sentido da felicidade, deve rejeitar a filosofia.

Do outro lado, o século XX produziu as mais variadas teorias sobre o fim da filosofia. Desde concepções analítico-científicas oriundas do Círculo de Viena até o pragmatismo de Richard Rorty. É interessante notar a influência, mesmo que indireta, de Wittgenstein em pensadores relevantes do século XX, como, por exemplo, Carnap e Rorty. Carnap (1969) defende a superação da metafísica por meio da análise lógica da linguagem, uma análise proposta no *Tratado lógico-filosófico*². Já Rorty, em *A filosofia e o espelho da natureza*, é enfático ao defender a tese de que a mente não existe, o que existe são relações neurais e biológicas no cérebro humano, e nada mais. Para ele a mente é o substituto moderno das categorias metafísicas (Ser, ente, etc.) que foram superados ou abandonados pelo Ocidente

² Nas *Investigações filosóficas* Wittgenstein afirma que o objetivo do *Tratado lógico-filosófico* é estabelecer a “forma geral da proposição e da linguagem” (IF, § 65). Esse objetivo é revisto nas *Investigações*. Nesse livro ele mesmo critica o *Tratado lógico-filosófico* considerando-o como uma discussão voltada para uma “linguagem ideal. Como se nossa lógica fosse uma lógica, por assim dizer, para o vazio” (IF, § 81).

contemporâneo. Nesse sentido, a filosofia é um saber a ser superado, pois não consegue resolver problemas práticos da vida cotidiana. Para resolver problemas dessa dimensão, é preciso da ajuda da economia, da engenharia, da sociologia e de outros saberes produzidos pela sociedade moderna; e não exatamente da filosofia.

Dentro desse quadro Wittgenstein emerge como um arquétipo. Ele, ao mesmo tempo, é um ponto de ligação e separação entre as concepções de fim da filosofia oriundas do século XIX e do século XX. Ele consegue ser um ponto de união e de estranhamento em torno da cultura do fim da filosofia.

A proposta de Wittgenstein, exposta desde o *Tratado lógico-filosófico*, mas clarificada nas *Investigações filosóficas*, é que a filosofia é uma forma terapêutica de reflexão, ou seja, a filosofia é a doença que ela mesma deseja curar. A filosofia procura, em vão, explicar o que é a realidade, a origem, o fundamento, o sentido, a verdade e outras questões metafísicas. O problema, segundo Wittgenstein, é que essa explicação, essa *cura* para o desconhecido, para o devir, para o nada; não é possível. São possíveis apenas explicações pontuais, relacionadas ao cotidiano e à vida prática ou colo, ele mesmo afirma que é preciso somente “evitar mal entendidos no uso prático” (*IF*, § 132) da linguagem. Dessa forma, para encontrar a verdadeira cura da doença, a cura da filosofia, é preciso sair, ou melhor, abandonar, rejeitar a própria filosofia. Qualquer outra posição que não seja a rejeição, o abandono da filosofia, apenas colocará o pensamento dentro da dimensão filosófica. E, com isso, continuará dentro dos limites da doença, da patologia, e, por conseguinte, continuará precisando do auxílio da terapia, da filosofia.

A solução que Wittgenstein apresenta nas *Investigações filosóficas* é o abandono, a rejeição da filosofia. Isso não significa que sua proposta é antirracional, que o homem, a partir do século XX, estará impossibilitado de desenvolver uma reflexão racional sobre as coisas e o mundo. Para ele, é preciso deixar de lado as grandes epopeias do pensamento. Deixar de buscar a realidade, a verdade e outros problemas semelhantes. Ao invés disso, é preciso tentar compreender os fragmentos de realidade, a microrrazão, as microssociedades, que o indivíduo tem acesso dentro do cotidiano. Ao invés de se tentar compreender a razão, em sua totalidade, um projeto inviável, devem-se compreender as microrrazões que estão presentes nos jogos

linguísticos. Dessa forma, os jogos linguísticos seriam uma solução e, ao mesmo tempo, uma saída, para os erros da filosofia. Segundo o autor (*IF*, § 76), o motivo disso é o fato dos jogos linguísticos estarem ligados diretamente às mudanças culturais que ocorrem dentro do cotidiano e, ao mesmo tempo, não terem um limite rígido que possa ser claramente estabelecido pela filosofia.

É preciso perceber que apesar de Wittgenstein propor e, ao mesmo tempo, se esforçar para abandonar a tradição filosófica, representada pela metafísica e pela ontologia, ele termina caindo numa proposta de cunho ontológico. Na proposta de Wittgenstein não há mais a investigação, por exemplo, sobre a grande realidade ou a verdade. Todavia, ao propor a investigação dos jogos de linguagem, uma proposta muito difundida na segunda metade do século XX e no início do XXI, ele termina caindo em uma ontologia regional ou uma micro-ontologia. Nesse sentido, no final do século XX e início do XXI não se estudaria mais a grande ontologia, mas a ontologia específica de cada jogo de linguagem. Não se investiga mais a grande realidade, mas a microrrealidade do jogo linguístico. Não se busca a verdade no sentido ontológico, mas a verdade contida apenas dentro do jogo linguístico. Para Wittgenstein, do ponto de vista universal, a verdade não existe ou não é importante. O que existe ou tem alguma importância é a microverdade contida dentro do jogo linguístico. Dessa forma, a verdade de um jogo linguístico pode ser diferente ou até mesmo negar radicalmente a verdade de outro jogo linguístico. No entanto, do ponto de vista wittgenstariano, essa contradição não é relevante. O que está em discussão é o jogo da linguagem e não a possibilidade metafísica de desvelar o caráter universal da realidade.

Com isso, Wittgenstein termina caindo em um paradoxo, expresso pela seguinte proposição: não se deve fazer metafísica, no sentido tradicional, pois a mesma investiga problemas insolucionáveis, mas deve-se fazer metafísica enquanto investigação sobre os jogos da linguagem. Esse paradoxo ilustra o que Paiva (2004) afirma sobre as teorias do fim da filosofia e da metafísica, isto é, propor uma teoria sobre o fim, como fez Wittgenstein, é também fazer filosofia. Debater sobre o fim da filosofia também é refletir filosoficamente. Nesse sentido, é difícil pensar um saber que seja rigorosamente pós-filosófico e pós-metafísico. Vale salientar que Wittgenstein, nas *Investigações filosóficas*, levanta a possibilidade de não ser

possível sair da metafísica. Como ele mesmo afirma: “uma imagem nos mantinha presos. E não podemos dela sair” (*IF*, § 115).

A *segunda reflexão* é que Wittgenstein, com a proposta do abandono da filosofia e, por conseguinte, a construção da teoria dos jogos da linguagem, abre um novo espaço para além das preocupações contemporâneas da filosofia. Ao propor o cotidiano como espaço da linguagem e de encontro com a linguagem, está possibilitando a abertura de um novo campo de investigação filosófica e uma nova possibilidade de compreender, ou conviver, com a linguagem. Ele demonstra, nas *Investigações filosóficas*, que é possível haver algum tipo de entendimento e compreensão da linguagem natural e cotidiana.

A perspectiva que tradicionalmente a filosofia possui da linguagem natural e do cotidiano é que são lugares privilegiados da contradição, da ambiguidade e do erro. Por causa disso, se o saber filosófico desejava construir uma reflexão livre da contradição, da ambiguidade e do erro, então era preciso sair do cotidiano e se afastar da linguagem natural. Essa postura, de um lado, gerou uma saudável reflexão sobre temas, como, por exemplo, a lógica, a ética e o mundo físico. No entanto, do outro lado, gerou-se uma distorção na própria linguagem, ou seja, a linguagem só poderia ser compreendida por meio de uma teoria metalinguística. Seria preciso criar mecanismos artificiais (gramática, lógica etc.), os quais Wittgenstein, nas *Investigações filosóficas*, vai repensá-los; para ser possível se estabelecer alguma reflexão sobre a linguagem. Por causa disso, o cotidiano, rico em fórmulas linguísticas, não poderia contribuir com a investigação sobre a linguagem.

Em grande medida, Wittgenstein, nas *Investigações filosóficas*, rompe com essa postura. Para ele o problema central – se bem que é um problema – não é o estabelecimento da metalinguagem, de mecanismos artificiais (gramática, lógica etc.) para explicar a linguagem, mas a negação, o esquecimento da linguagem natural e do cotidiano. Se o objetivo é investigar a linguagem, como forma de solucionar problemas humanos, então é preciso ir e, ao mesmo tempo, mergulhar dentro da linguagem natural e do cotidiano. É na linguagem natural e no cotidiano que estão os dilemas e as possíveis soluções para os problemas linguísticos humanos. Para Wittgenstein ficar apenas – e unicamente – em busca de compreender a linguagem em si, nela mesma, é uma forma de alienação, de esquecimento

do homem e, por conseguinte, uma forma de trazer o devir, o nada, para dentro da vida humana. Só é possível sair do devir, do nada, quando se vai à busca do mundo concreto, do cotidiano real, com seus jogos e suas contradições linguísticas.

Considerações finais

Wittgenstein, sem desejar, abriu espaço – tanto no universo acadêmico como em outros espaços de reflexão – à realização da discussão sobre os limites da filosofia e a possibilidade de surgir um saber, uma discussão linguística, que supere, isto é, seja mais aprofundada – se é que isto é possível – do que a tradição filosófico-linguística herdada dos gregos, principalmente de Platão e Aristóteles.

Por fim, é preciso frisar que, de um lado, a tradição filosófico-linguística ainda é muito forte no Ocidente. Tanto dentro como fora do universo acadêmico, ainda há grandes pesquisadores e, por conseguinte, pesquisas baseadas nessa tradição. Esses pesquisadores, com suas respectivas pesquisas, realizam um importante levantamento histórico e, ao mesmo tempo, a atualização da tradição. No entanto, é preciso deixar claro que apesar da crítica de Wittgenstein, que possui grande valor epistemológico, não se deve descartar a tradição. Do outro lado, é preciso ter consciência que apenas a tradição não dará conta da dinâmica da realidade. É neste sentido que a proposta de Wittgenstein, exposta principalmente nas *Investigações filosóficas*, de encontrar, investigar e compreender a linguagem no cotidiano, por meio dos jogos linguísticos, ganha uma importância vital. O cotidiano é um universo ainda pouco explorado pelas pesquisas filosóficas e talvez – é apenas uma simples possibilidade – dentro dele seja possível se construir e aprofundar o debate em torno dos problemas da tradição filosófico-linguística do Ocidente.

Referências:

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- CARNAP, R. Il superamento della metafisica mediante i' analyse lógico del linguaggio. Pasquinelli. In: *Il neoempirismo*. Torino: Utet, 1969.
- D'AGOSTINI, F. *Analitici e continentali: guida alla filosofia degli ultimi trent'anni*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1997.
- GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1996.

- HACKER, P. M. S. *Wittgenstein*. São Paulo: UNESP, 2000.
- MADUREIRA, P. S. *Santo Agostinho*. Rio de Janeiro: Três, 1973.
- PAIVA, M. A. Fim da filosofia: uma imagem da filosofia contemporânea. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 33-48, setembro. 2004.
- PLATÃO. *Crátilo*. 3 ed. Belém-PA: EDUFPA, 2001.
- _____. *Obras completas*. 2. ed. Madrid: Aguilar, 1972.
- RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- SANTOS, I. Joaquim de Fiore e os novos círculos joaquínistas. In: *CiberTeologia*, São Paulo, , v. 1, p. 62-71, 2008.
- SHIBLES, W. *Wittgenstein: linguagem e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- VATTIMO, G. A filosofia e a declínio do Ocidente. In: *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 10, junho 1999, p. 43-51.
- _____. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- _____. *Tractatus lógico-philosophicus*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961